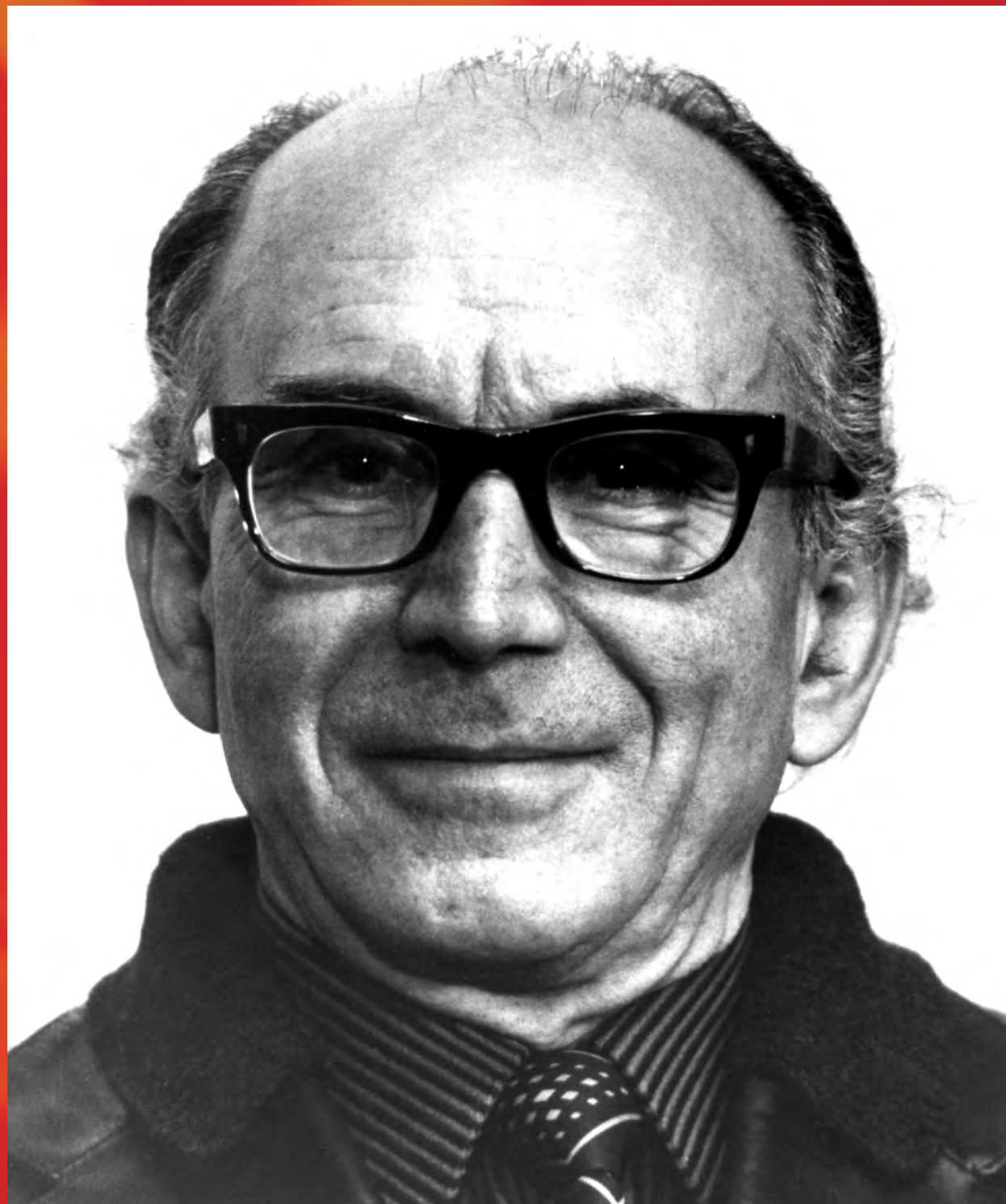


1907-2007
Centenário do nascimento de



FRANCISCO MIGUEL

*Militante Comunista
exemplo de coragem
e disponibilidade revolucionária*



Os primeiros passos na luta

Francisco Miguel Duarte nasce em 18 de Dezembro de 1907, em Baleizão, no seio de uma família de camponeses pobres. Em 1914 muda-se para Vale de Zorras, onde os pais arranjam trabalho, numa herdade da Casa de Ficalho. O monte dista 5 quilómetros de Serpa, o que dificulta a ida à escola. Ajuda os pais nos trabalhos no campo. Aos 13 anos torna-se aprendiz de sapateiro, em Serpa. Vai ganhando consciência de classe e contribui activamente para a reanimação de duas associações profissionais existentes na vila, a dos sapateiros e a dos trabalhadores rurais. Na tarde de 1 de Setembro de 1931, frente aos Paços do Concelho de Serpa, cerca de 400 trabalhadores rurais manifestam-se, reclamando pão e trabalho. Francisco Miguel sobe para cima de um banco da praça, fala sobre a situação dos camponeses e da ausência de soluções por parte das autoridades. A GNR avança para ele mas, protegido pela multidão, consegue escapar. São os seus primeiros passos na luta revolucionária

Assume cargos de alta responsabilidade

Em 1932, entra para o Partido. Em 1935 frequenta em Moscovo a Escola Leninista, onde conhece José Gregório, Bento Gonçalves e Álvaro Cunhal, estes dois últimos então na capital soviética em representação do PCP, respectivamente, no VII Congresso da Internacional Comunista e no VI Congresso da Internacional Juvenil Comunista. Em 1937 regressa a Portugal e passa à clandestinidade, ficando responsável pelo Comité Local de Lisboa.

É chamado para o Comité Central e pouco depois passa a integrar o Secretariado do C.C., com Álvaro Cunhal e Ludgero Pinto Basto. Uma das tarefas que lhe cabe é a reactivação da publicação do "Avante!". No fim dos anos 40 Francisco Miguel e Pires Jorge recebem a incumbência de dirigir a actividade partidária no Alentejo. Entre o intenso trabalho desenvolvido inclui-se o início da publicação do jornal "O Camponês".



Francisco Miguel aos 22 anos



Foi debaixo desta ponte, na estrada entre Pias e Serpa, que Francisco Miguel se escondeu em 1932 para escapar aos que o perseguiram, quando do seu regresso do exílio em Espanha (foto de Fev. 1985)



Junto à casa em que funcionava a oficina de sapateiro, em Serpa, onde ele começou a trabalhar nos anos 20 (foto de Fev. 1985)



A casa no Castelo de Serpa em que actualmente está instalado o museu arqueológico, mas em parte do qual, antes de ser remodelada, Francisco Miguel morou quando viveu na vila (foto de Fev. 1985)



Foto da prisão nos anos 30



Exemplares do "Avante!" do final dos anos 30, quando Francisco Miguel passa à clandestinidade e é responsabilizado pela reactivação da publicação



Casa clandestina em Deiras, na Rua Latino Coelho (actual prédio nº 33) em Algeis onde morou Francisco Miguel anos 1937/1939



Lisboa, Rua Cláudio Nunes, na Freg. Benfca, onde morou Francisco Miguel nos anos 1939/1940

Casa clandestina em Lisboa, na Rua da Beneficência, 180 3ª dl. (Ao Bairro Santos), onde morou Francisco Miguel nos anos 1937/1938



Primeiros números do jornal "O Camponês", que iniciou a sua publicação com Francisco Miguel e Pires Jorge



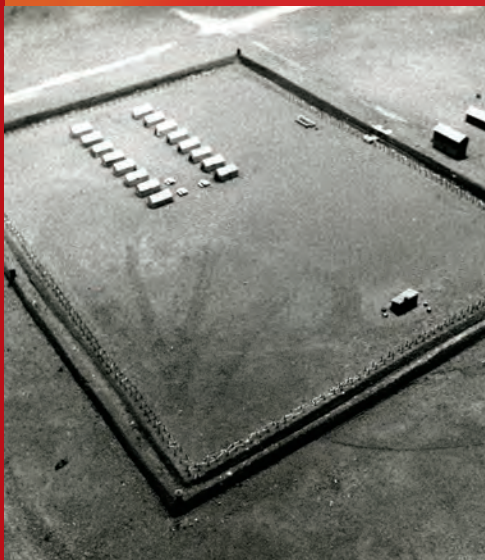
Aquele que mais vezes fugiu das prisões fascistas

Francisco Miguel foi preso cinco vezes (1938, 1939, 1947, 1950, 1960).

Foi o camarada que mais vezes conseguiu quebrar as grades das prisões fascistas. Detido em 1938 na Praça Marquês de Pombal, em Lisboa, evade-se passados dois anos da prisão de Caxias, com Augusto Valdez. Anos mais tarde volta a ser preso, em Évora. Levado para o Forte de Peniche, logra evadir-se, com Jaime Serra, em 1950. Separam-se durante a fuga, e, enquanto Jaime Serra consegue escapar-se, Francisco Miguel acaba por ser apanhado pelos guardas nos arredores de Peniche. É enviado para o Tarrafal, passando depois para Peniche, de onde novamente se evade, em 3 de Janeiro de 1960, integrado num grupo de dez destacados dirigentes do Partido, entre eles Álvaro Cunhal. Em Julho desse ano é detido, em Elvas; levado para Caxias, consegue, no ano seguinte, fugir (pela quarta vez!), com mais sete camaradas, no carro blindado que pertencia a Salazar. Passou 21 anos nas prisões fascistas, das quais cerca de 10 anos, no Campo de Concentração do Tarrafal, para onde foi enviado duas vezes (1940 e 1951). Foi o último preso a abandonar o Tarrafal, quando do primeiro encerramento do Campo de Concentração.



Ficha de preso da polícia fascista, em 1947



Maquete do Campo de Concentração do Tarrafal



Gravura do Campo do Tarrafal. Feita por Rogério Ribeiro



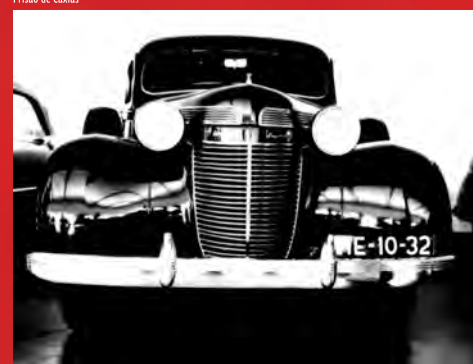
Francisco Miguel (ao centro de pé) com Faria Borda, Guilherme de Carvalho e outros camaradas no Campo do Tarrafal



Francisco Miguel evadiu-se da prisão de Peniche, em 1950, e com Álvaro Cunhal e outros destacados dirigentes do PCP, em 1960



Prisão de Caxias



Francisco Miguel evadiu-se da prisão de Caxias, em 1939, e com outros destacados dirigentes do PCP em 1961, no carro blindado de Salazar

Firmeza e coragem

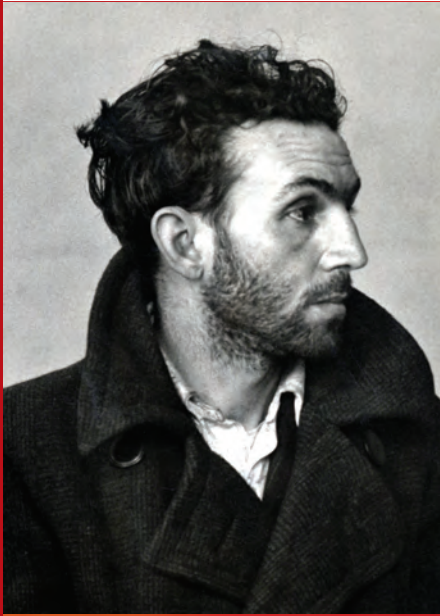
Francisco Miguel foi um exemplo de firmeza perante o inimigo. Durante a sua primeira prisão, apesar de barbaramente espancado toma uma decisão: negar fazer qualquer declaração aos pides, nem sequer para dizer o nome.

A sua declaração, feita por altura do julgamento no Tribunal fascista, em Agosto de 1948, é igualmente um exemplo de coragem e de confiança no Partido a que dedicou toda a sua vida, o Partido Comunista Português. Essa atitude passa a constituir um exemplo para todos os camaradas presos.

«Como comunista que já sofreu, até hoje, cerca de nove anos de prisão, cinco e meio dos quais no Tarrafal em regime de trabalhos forçados e indiferente à pena que me vai ser aplicada, ponho acima de tudo os interesses do meu Partido.

Que os inimigos do povo não esperem «convencer-me» ao assustarem-me com as suas violências, suas ameaças e suas arbitrariedades. Tenho a consciência de que com o meu Partido está o povo e a razão e isso é quanto basta para me dar força moral para vencer e resistir.

Como comunista que sempre tem posto acima de tudo os interesses do Partido, lembro a todos os camaradas que, sejam quais forem as circunstâncias em que se encontrem, não devem esquecer nunca que é um dever contribuir para o fortalecimento do Partido defendendo a sua organização e o seu prestígio».



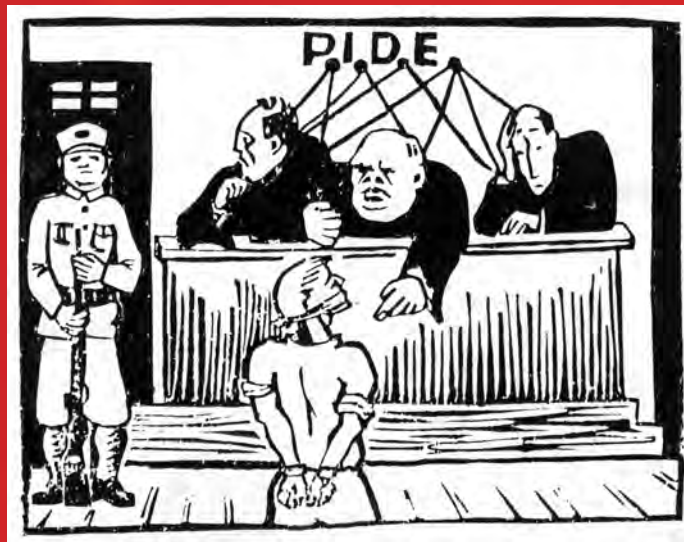
Fotografia tirada pela PVDE (polícia política do fascismo que precedeu a PIDE) em 1938, quando da sua primeira prisão



Grupo escultórico na exposição dos 60 anos do PCP, representando as torturas da PIDE aos presos políticos na prisão



Publicação clandestina surgida em 1947, para os militantes comunistas, sobre como se comportar perante as prisões e as torturas



Gravura sobre os julgamentos dos presos políticos e a submissão dos tribunais plenários à PIDE



Tribunal Plenário da Boa Hora onde Francisco Miguel, assim como muitos camaradas e antifascistas foram julgados



Tarjetas clandestinas exigindo amnistia para os presos políticos



LIBERDADE para os presos Políticos
Amnistia! Amnistia!

AMNISTIA A TODOS OS PRESOS POLITICOS

JOVEM!
O Natal aproxima-se. Muitos portugueses por muito amarem a sua Pátria e o seu povo estão encarcerados de ordem do Salazar. Pede-se a sua libertação, toda e ordenada, antecipando da sua juventude, todo o seu amor à justiça, numa ampla campanha pela imediata amnistia para todos os presos e perseguidos políticos.



Fotografia tirada pela PVDE

Da fuga de Caxias ao 25 de Abril 1974

Nos anos 60, Francisco Miguel participou no VI Congresso do Partido (1965), no qual apresentou o Relatório sobre os Novos Estatutos do Partido. Em representação do Partido, participou, em diversas iniciativas internacionais (congressos de partidos irmãos, Conferência Internacional dos Trabalhadores Mineiros, Actos de Solidariedade com os Presos Políticos Portugueses, etc...). No início dos anos 70 iniciam-se as operações da Acção Revolucionária Armada (ARA), visando a sabotagem do aparelho militar colonial e a propaganda contra o regime. Francisco Miguel participa, tanto a nível da direcção, na planificação e concretização de arrojadas operações, como a colocação de um engenho explosivo no navio de transporte militar Cunene. Tinha, então, mais de 60 anos.

Alma de poeta

Modesto, tímido e pouco expansivo, guardava no peito uma alma de poeta. Escreveu centenas de poesias, mas não se considerava um poeta. Escreveu um dia:

“A minha melhor poesia são os tantos anos de luta pela libertação do povo português. Mas esta poesia não está acabada: continuarei a escrevê-la e o seu último verso será a última acção útil que eu possa realizar pelo triunfo do comunismo a que dediquei toda a minha vida.”

Tendo sido editado clandestinamente, o seu livro “Poesias” em Setembro de 1960, cujos proventos reverteriam para as vítimas da repressão fascista, e reeditado em 2005 pela Cooperativa Cultural Alentejana.



Foto de Francisco Miguel disfarçado, tirada por Dias Coelho, em Junho 1960, para Bilhete de Identidade falso



Foto de Francisco Miguel disfarçado na clandestinidade



Foto de Francisco Miguel na clandestinidade



BI falso, executado por Dias Coelho e Margarida Tengarrinha, para Francisco Miguel, com o nome de João Oliveira Dias



Gravura sobre a acção da ARA contra o envio de armamento para a guerra colonial, no barco Cunene, que Francisco Miguel planeou e em que foi operacional



Poema de Francisco Miguel



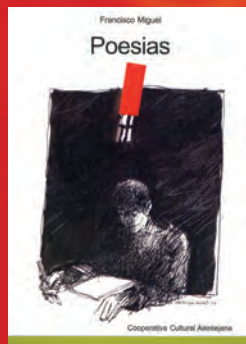
Os mineiros portugueses, em situação mais difícil, não têm sido afetados muitas vezes, vivem e lutam em condições particularmente difíceis. Em Portugal ganha todos os dias e em sua importância não explorado por capital imperialista estrangeiro. Em Portugal não existem condições livres em direção de greve. A greve é considerada "crimes". Mas os mineiros portugueses não têm medo de lutar e são feitos muitas greves. É frequente observar as condições de trabalho dos mineiros estrangeiros e a política política contra os seus locais de trabalho. Em 28 de Abril de 1960 por exemplo, as forças de repressão fascistas atacaram sobre os mineiros de Aljustrel matando dois e ferindo muitos outros, mesmo que os mineiros não tinham a intenção de lutar. Como se todos os países, os mineiros portugueses lutam contra a exploração e por uma vida melhor. Todo o povo português vem lutando contra a ditadura fascista de Salazar e pela sua libertação, lutando para sair livre, o povo português luta ao mesmo tempo contra a guerra colonial e ajuda na saída das suas tropas e luta com o povo de Angola e da Guiné pela libertação dos seus países.



Saudação feita por Francisco Miguel em Moscovo, na 4ª Conferência Internacional dos Trabalhadores Mineiros nos anos 60



Livro "Poemas" de Francisco Miguel editado em 1960, para angariar fundos para as vítimas da repressão fascista



Reedição do Livro "Poemas" em 2005 da responsabilidade da Cooperativa Cultural Alentejana



**Sou proprietário de um Banco
Não sou contudo banqueiro
Tenho um banco de trabalho
Um banco de sapateiro**

Francisco Miguel



Lisboa, Rua Prof. Lima Basto (frente ao IPO), em Palhavã, onde existiu uma casa clandestina em que viveu Francisco Miguel em 1960

Derrubado o fascismo, a luta continua!

Depois do 25 de Abril, conquistada a liberdade para o povo e para o país, graças a uma longa luta de que ele foi um dos combatentes de vanguarda, Francisco Miguel desenvolve uma intensa actividade militante, na luta pela defesa e aprofundamento da democracia, participando em dezenas e dezenas de comícios e sessões de esclarecimento, por todo o país e, particularmente, no seu Alentejo. Intervem activamente pela realização da Reforma Agrária, participando nos Encontros e Conferências e, como Deputado, intervem em sua defesa na Assembleia Constituinte, em 1975, e na Assembleia da República, entre 1976 e 1985.

Em defesa da Reforma Agrária

Na Assembleia Constituinte, quando se discutia a elaboração da Constituição de Abril, Francisco Miguel denunciando a grande propriedade latifundiária como factor do atraso geral de Portugal e da miséria nos campos, declarou, dirigindo-se a todos os deputados, **“se não houver coragem, para fazer uma Reforma Agrária profunda não servimos o progresso do País”**. Este é o problema, acrescentou **“que se deve colocar, quando vamos elaborar uma Constituição”**. (19 Julho 1975)



Francisco Miguel com Alvaro Cunhal no Comício de homenagem a Catarina Eufémia em Boleiro em 18 Maio 1980



Francisco Miguel (ao centro) com Joaquim Gomes e Pedro Soares na Sede do PCP, na Av. António Serpa, em Lisboa em Maio de 1974



Francisco Miguel participando num Comício em 1975



Francisco Miguel inaugurando a placa do Bairro Bento Gonçalves, em 1975



Francisco Miguel num comício em Beja após o 25 de Abril de 1974



Francisco Miguel participa numa reunião do Comité Central do PCP no verão de 1975 em Alhambra



Francisco Miguel discursando na homenagem a Alex, no aniversário do seu assassinato em Burelas a 4 Julho 76



Francisco Miguel na bancada parlamentar do PCP na Assembleia da República



Francisco Miguel intervindo na Assembleia da República



Francisco Miguel, durante uma visita à RDA, em 1977 numa delegação da Assembleia da República chefiada pelo então presidente Vasco da Gama Fernandes



Cartões de Deputado na Assembleia Constituinte e na Assembleia da República



Francisco Miguel (o primeiro à esquerda de Alvaro Cunhal) e outros dirigentes do PCP na 1ª Conferência Unitária dos Trabalhadores Agrícolas, em Évora, em 1974, onde se exige a realização da Reforma Agrária



Manifestação em Lisboa, em 1975, exigindo que a Reforma Agrária seja consagrada na Constituição

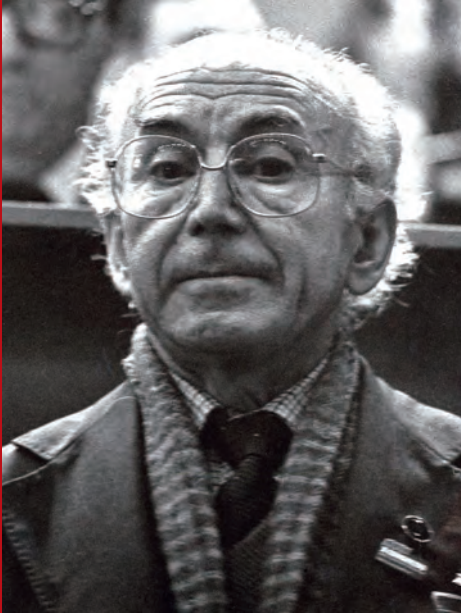


Participação no processo democrático

Com outros antifascistas empenha-se na fundação da URAP-União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, e desempenha um papel determinante nas iniciativas para fazer regressar a Portugal (1978), os restos mortais dos 32 antifascistas assassinados no Tarrafal.

No VIII Congresso do PCP, em 1976, é membro da Mesa da Presidência e da Comissão de Verificação de Mandatos. Em 25 de Abril de 1980 é agraciado pelo Presidente da República, Ramalho Eanes, com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade.

Morre em 21 de Maio de 1988, com 81 anos.



Francisco Miguel no X Congresso do PCP, realizado no Porto. Foi então reeleito para o Comité Central do PCP



Delegação do PCP com Francisco Miguel e Joaquim Gomes numa visita à RDA, a convite do PSUA, em 1976



Francisco Miguel com Joaquim Gomes, na Grécia, numa delegação do PCP a convite do PC da Grécia em 1976



Francisco Miguel intervindo na tribuna do VIII Congresso do PCP, em Novembro 1976



Francisco Miguel no Tarrafal em Cabo Verde, na cerimónia de transladação para Portugal, dos portugueses mortos no Campo de Concentração do Tarrafal



Homenagem popular aos mortos no Campo de Concentração do Tarrafal, quando da transladação dos 32 corpos, em 1978, para o Mausóleo Memorial no cemitério do Alto de S. João em Lisboa



Francisco Miguel com camaradas sobreviventes do Campo de Concentração do Tarrafal, junto ao Mausóleo Memorial no cemitério do Alto de S. João em Lisboa



Ordem da Liberdade, entregue pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes a Francisco Miguel



Cartão de salvo conduto, para assistir como convidado, à cerimónia de proclamação da independência de Angola em Novembro 1975



Francisco Miguel numa conferência de imprensa



Homenagem aos 70 anos de Francisco Miguel, com Alda Nogueira entre outros camaradas no Restaurante Forno de Cima, em Almada



Homenagem aos 80 anos de Francisco Miguel, na Voz do Operário em Lisboa, 19 Dezembro 1987



Francisco Miguel assinando o livro sobre a sua vida, na Feira do Livro em Lisboa



O exemplo de uma vida

O funeral de Francisco Miguel constituiu uma expressiva manifestação de pesar e dor. Milhares de pessoas integraram o cortejo fúnebre, entre o Centro de Trabalho de Alcântara do PCP e o Cemitério da Ajuda, em Lisboa.

Nas palavras de homenagem então proferidas, Álvaro Cunhal disse, nomeadamente:

«Despedimo-nos hoje para sempre de Francisco Miguel, com a profunda mágoa por perdermos um valioso irmão de combate, que para todos nós era particularmente querido. Mas, ao lembrar a sua vida e ao prestar-lhe homenagem, a par da mágoa pela sua perda, sentimos o reconhecimento de comunistas, por tudo quanto ele deu ao Partido, à classe operária e ao povo de Portugal e por tudo quanto nos deixa com o exemplo da sua vida de inteira dedicação revolucionária.»

«Foram muito duras as provas a que foi submetido. Nenhuma conseguiu abalar a sua firmeza e combatividade. Nem muitos anos de vida clandestina com as privações de toda a espécie que comporta. Nem as sucessivas prisões e as bárbaras torturas na PIDE por se recusar a prestar quaisquer declarações. Nem as condenações em tribunais fascistas. Nem o Tarrafal, campo da morte lenta. Nem mais de 21 anos passados nas prisões, donde quatro vezes se evadiu sempre para voltar à luta.»

«Sempre e sempre, nas circunstâncias mais duras, Francisco Miguel manteve a sua plena disponibilidade revolucionária. Operário, homem simples, modesto, Francisco Miguel viveu com o Partido e morreu com o Partido.»



Funeral de Francisco Miguel, saindo do Centro de Trabalho de Alcântara do PCP, Lisboa, 24 Maio 1988



A Luta Continua!